



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## UMA ANÁLISE DA ADOLESCÊNCIA COMO SÍMBOLO SAGRADO CONTEMPORÂNEO SEGUNDO A HERMENÊUTICA DA RELIGIÃO VIVIDA

---

### AN ANALYSIS OF ADOLESCENCE AS A CONTEMPORARY SACRED SYMBOL ACCORDING TO THE HERMENEUTIC OF LIVING RELIGION

Ivan Kiper Malacarne\*

#### Resumo:

O presente texto apresenta uma leitura da adolescência como um símbolo sagrado contemporâneo, no qual os ideais da modernidade, principalmente, a centralização do indivíduo, a liberdade e a autonomia, são preservados e direcionados para o consumo. Esta proposta é orientada a partir das reflexões da religião vivida como instrumento hermenêutico da teologia prática na discussão sobre o fenômeno religioso contemporâneo e suas respectivas interações com os modelos e discussões religiosas institucionais.

**Palavras-chave:** Religião vivida. Adolescência. Fenômeno religioso

#### Abstract:

The present text presents a reading of adolescence as a contemporary sacred symbol, in which the ideals of modernity, especially the centralization of the individual, freedom and autonomy, are preserved and directed towards consumption. This proposal is guided by reflections on lived religion as a hermeneutic instrument of practical theology in the discussion of the contemporary religious phenomenon and its respective interactions with institutional religious models and discussions.

**Keywords:** Lived religion. Adolescence. Religious phenomenon.

\*\*\*

---

\* Bacharel (2019) e mestre (2021) em teologia pela Faculdades EST. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia pela mesma instituição. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: kipermalacarne@gmail.com.

## Introdução

Há um insistente e problemático estigma negativo a despeito da religião que a configura dentro do cenário moderno. Na teologia, este estigma dificulta ou impede os relacionamentos e a sua credibilidade junto às outras áreas da academia e as discussões para além dos círculos eclesiais. Portanto, através deste artigo, apresenta-se um pequeno, mas possível tremor que anseia romper com os estigmas reducionistas do fenômeno religioso. Trata-se de rever a importância deste em todas as sociedades e em todos os relacionamentos humanos, ainda que para além dos círculos religiosos tradicionais e institucionais. A religião vivida, como instrumento hermenêutico da teologia prática, possibilita tal reflexão.

Assim, discutir, sob essa perspectiva, a adolescência como ideal e sintoma cultural contemporâneo, é identificar que ela é um dos tantos símbolos religiosos que formam e sustentam o imaginário humano, ainda que em roupagem “secular”. Isso é possível pela reconfiguração do fenômeno religioso atestado não apenas por referências teológicas, mas por outras áreas do saber, como as perspectivas do antropólogo estadunidense Clifford Geertz. Pergunta-se pelos reflexos que esse símbolo comporta e pelos impactos tanto para a teologia, quanto para a Igreja Cristã.

O artigo está organizado em três tópicos. O primeiro, *Entre o ideal e o sintoma cultural da modernidade*, apresenta referenciais que tratam a adolescência como um fenômeno de aglutinação dos ideais modernos e da cultura de consumo, tanto como um ideal a ser alcançado como um sintoma das reconfigurações da sociedade ocidental. No segundo tópico, *Religião vivida: hermenêutica de rastreamento do Sagrado*, apresentar-se-á a religião vivida como possibilidade para a reflexão teológica seguinte. E, no último tópico, *Adolescência e o ethos religioso pós-moderno*, as discussões dos tópicos anteriores serão direcionadas, por meio das reflexões do antropólogo Clifford Geertz, para compreender a adolescência como um símbolo religioso contemporâneo e os possíveis impactos deste fenômeno.

### Entre o ideal e o sintoma cultural da modernidade

O termo adolescência já era utilizado nos tempos do Império Romano para designar um momento anterior à entrada na vida comunitária, dentro da organização patriarcal da sociedade, que a compreendia como algo inerente à natureza humana. Na Idade Média, o conceito permaneceu semelhante, contudo, estava mais restrito ao círculo das discussões eruditas sobre as

fases da vida. É a partir da Idade Moderna que ele vai representar um momento de crise.<sup>2</sup> Estava em andamento, como principal desdobramento do Iluminismo, uma reconfiguração da antropologia, que colocaria o ser humano no centro, “pautado pela noção de racionalidade e de autodeterminação”.<sup>3</sup> Surgia, então, o indivíduo.

A crise na adolescência é resultado da incapacidade da modernidade, ao centralizar o indivíduo, de envolver com clareza e força cada pessoa dentro da teia das relações sociais.<sup>4</sup> Quem sai da infância, para se transformar em pessoa adulta, cai em um espaço sem tempo e direção definidas, um limbo de espera por algo ou alguém que as tire de lá. São, mas não completamente, pessoas adultas. A diluição ou a ausência dos ritos de passagem, que identifiquem a criança/adolescente como pessoa adulta, configuram um cenário em que há referenciais identificatórios insuficientes no reconhecimento deles e delas como pessoas adultas.<sup>5</sup> Mesmo que haja modelos de como ser uma “pessoa adulta”, todos são inconclusivos.<sup>6</sup> Outeiral ainda acrescenta que “*não são oferecidas identificações suficientemente boas às crianças e adolescentes*”.<sup>7</sup>

Além disso, as crises e o equilíbrio instável “são características consideradas centrais na modernidade”.<sup>8</sup> Elas incidem na adolescência na medida em que esta representa um ideal e uma realização dos desejos reprimidos para as pessoas adultas. “Como intérpretes dos desejos dos adultos, caberia aos adolescentes tentar corresponder ao que deles se espera: transgressões, barulho, resistência, liberdade, dentre outros possíveis desejos, nossos avessos negados”.<sup>9</sup> Pode-se constatar, que a crise experimentada na adolescência, orbita a tensão provoca pela angústia de estar em desamparo nas relações sociais, haja vista que se perdeu as imagens paternas e maternas infantis e onipotentes. As subjetividades se tornam voláteis e inconsistentes. Assim, urge encontrar novas referências para ressignificar a angústia.

Segundo Assis, tudo isso acontece dentro do que ela denomina de “modernidade tardia”, na qual

---

<sup>2</sup> MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, São Paulo, v. 11, n.4, p. 616-625, dez. 2008. p. 617-618.

<sup>3</sup> MATHEUS, 2008, p. 618.

<sup>4</sup> MATHEUS, 2008, p. 618-619.

<sup>5</sup> GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016. p. 435-436; COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional*, São Paulo, n. 181, p. 16-23, mar. 2005. p. 17-23.

<sup>6</sup> CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 16-21.

<sup>7</sup> OUTEIRAL, José. Adultos modernos e adolescentes pós-modernos. In: WEINBERG, Cybelle. *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001. p. 109.

<sup>8</sup> ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. Figurações da adolescência e juventude na atualidade: metáforas da cultura. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 183-206, jan./jun. 2018. p. 192.

<sup>9</sup> ASSIS, 2018, p. 192.

as consequências da modernidade estão se tornando radicalizadas e universalizadas, como a interdependência em escala mundial das economias e mercados, o ritmo vertiginoso das transformações tecnológicas, a intensificação do consumo, a intensa conexão entre o local e o global, as relações sociais desencaixadas ou deslocadas de seus contextos locais e reestruturadas através de extensões indefinidas de tempo-espço, dentre outros.<sup>10</sup>

Ainda que se admita a “puberdade como fase de amadurecimento sexual das crianças, que marca a transição do corpo infantil para as funções adultas de procriação, tem lugar em todas as culturas”,<sup>11</sup> ela se reescreve na teia simbólica cultural de cada sociedade. No Ocidente, ela está inscrita naquilo que se denomina de adolescência que, por sua vez, refere-se a um período de moratória.<sup>12</sup> Calligaris assinala que, para o e a adolescente, estão postas duas qualidades consideradas imprescindíveis para que sejam pessoas adultas de respeito e felizes: “ser desejável e invejável”.<sup>13</sup> Os desdobramentos disso acontecem: na conclusão da assimilação de valores prezados pela sociedade para o ingresso no mundo adulto; no momento em que o corpo está preparado para concluir a sua maturação (puberdade<sup>14</sup>), necessária para exercer os valores; e na imposição de uma moratória.<sup>15</sup>

Nas reflexões sobre adolescência, constata-se que ela é uma construção moderna, assim com a infância também o é. Esta é uma utopia dos ideais modernos, guardando o potencial de realizar (produzir e consumir) aquilo que não foi possível para as pessoas adultas, ao mesmo tempo em que se configura como um ideal da vida feliz e completamente satisfeita.<sup>16</sup> Porém, na infância, não é possível realizar estes ideais, de modo que, na adolescência, este ideal teria maiores possibilidades para ser cumprido. De modo que a adolescência se constituiu como uma imagem, uma mercadoria, possível para que as pessoas adultas desfrutem da vida infantil, formada pelo desejo e anseio de uma felicidade constante e sem as responsabilidades adultas, não se identificando totalmente com as crianças.<sup>17</sup> Um paraíso perdido que pode ser recorrido pelas pessoas adultas ao assimilarem para si, nas suas vidas, um *ethos* “adolescente”.

---

<sup>10</sup> ASSIS, 2018, p. 185.

<sup>11</sup> KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 90.

<sup>12</sup> KEHL, 2004, p. 90-94.

<sup>13</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 15.

<sup>14</sup> Calligaris a define como o “amadurecimento dos órgãos sexuais” (CALLIGARIS, 2009, p. 19).

<sup>15</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 12-16.

<sup>16</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 61-67.

<sup>17</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 68-74.

A dinâmica do mercado capitalista elaborou tal *ethos* adolescente, a saber, o de ser sua vitrine, seu público consumidor e seu objeto de consumo. A cultura do consumo e o “culto” à liberdade são os principais fatores na formação deste ideal.<sup>18</sup> No exercício da liberdade, valor corolário da modernidade, a adolescência se formou como um ideal social.<sup>19</sup> A potencialização dos meios de comunicação em massa permitiu a oferta de capital simbólico para a formação de identidades descartáveis, acompanhando a mesma lógica do mercado na oferta de bens.<sup>20</sup> É próprio da cultura de consumo romper com as tradições, que antes simbolizavam e orientavam o cotidiano social, e não apresentar nada de normativo em substituição. Afinal, trata-se da “cultura do imediato, do descompromisso consigo, com o outro e com o devir de todos”.<sup>21</sup> A “mitificação da juventude de 60 deu lugar à idealização da juventude e, mais especificamente, da adolescência, à medida que suas diversas representações tenham sido apropriadas pela lógica de consumo”.<sup>22</sup>

Costa elenca três características que mantém a sociedade de mercado em processo e como modeladora das relações humanas, a saber:

1) deve se deixar seduzir pela propaganda de mercadorias; 2) deve possuir uma identidade pessoal flexível, compatível com as novas relações de trabalho; 3) deve estar convertido à moral das sensações, ou seja, ter pretensões a satisfações de curto prazo, em detrimento de satisfações que exigem projetos de longo alcance.<sup>23</sup>

Há grandes mobilizações para divulgar a adolescência como vitrine de um mundo bem-sucedido e das pessoas que adquiriram, por seus “próprios” méritos, o seu “valor, tanto material como simbolicamente”<sup>24</sup>, representando as características acima mencionadas. Assim, ao passo que a adolescência serve para o capitalismo, estimulando o movimento do mercado, ela encarna o ideal do indivíduo autônomo moderno, que supostamente vive por seus “próprios” méritos.<sup>25</sup> A autonomia está entre os valores mais requisitados na contemporaneidade, tanto para possibilitar

---

<sup>18</sup> ROCHA; GARCIA, 2008, p. 626-627; LÍRIO, Luciano de Carvalho. Adolescência na contemporaneidade. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 29, set./dez. 2012. p. 36-38.

<sup>19</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 56-60.

<sup>20</sup> TOMAZ, 2014, p. 181-185.

<sup>21</sup> COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 85.

<sup>22</sup> ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 622-631, 2008. p. 626.

<sup>23</sup> COSTA, 2004, p. 76.

<sup>24</sup> COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. p. 7.

<sup>25</sup> COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 6-7; COUTINHO, 2005, p. 17-23.

que cada pessoa participe ativamente do consumo, quanto para desenvolver os seus potenciais por esforços próprios.<sup>26</sup>

Na formação dos grupos de adolescentes, nas *tribos*, gera-se públicos de consumo muito bem definidos, algo que facilita o *marketing* e os seus negócios. Cada grupo se consolida como uma identidade que aparenta ser coesa e segura, tornando, por exemplo, a “rebeldia” em produto comerciável.<sup>27</sup> Assim, “a imagem e a estética ditam as relações, e sua valorização revela a importância concedida nos dias de hoje ao estilo – também concebido como estilo de vida”.<sup>28</sup> A estética adolescente acontece por meio do vídeo “–breve, curto, fragmentado, desfocado às vezes, sem início-meio-fim e não conta, em termos da modernidade, uma história verdadeira”.<sup>29</sup> É uma estética narcísica e profundamente materialista, o que rapidamente pode transformar os seres humanos e as suas relações em objetos como qualquer outro.<sup>30</sup>

Ser adolescente é estar na moda, é ser alguém do momento, uma pessoa *influencer*, que pode comprar, ser rebelde como quiser, desautorizar a quem desejar e ser feliz, supostamente, sem ter a baliza de algo ou alguém alheio. É usufruir dos benefícios da modernidade, sem assumir responsabilidades e compromissos. Dito de outra maneira, o “adolescente pós-moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades”.<sup>31</sup> Assim, a adolescência pode ser definida como “um gozo sem limites”<sup>32</sup>.

Rocha e Garcia acenam para o fato de que o ideal cultural da adolescência intensificou o desamparo dos e das adolescentes, afinal, são referenciais seguros de identificação. Mantém-se apenas uma desenfreada busca pelo prazer, justificado pela liberdade de se realizar todos os desejos pessoais. Neste quadro, a depressão seria uma possível reação ao ideal cultural da adolescência, onde o gozo sem limites é interrompido, afinal este é inalcançável.<sup>33</sup> Nesse sentido, os adolescentes experimentam de maneira radical o desamparo decorrente da crise cultural à qual estão submetidos todos os sujeitos do mundo atual”.<sup>34</sup>

---

<sup>26</sup> TOMAZ, Renata. A invenção dos *tweens*: juventude, cultura e mídia. *Intercom*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 177-202, jul./dez. 2014. p. 193-197.

<sup>27</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 56-60.

<sup>28</sup> ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627.

<sup>29</sup> OUTEIRAL, 2001, p. 107.

<sup>30</sup> OUTEIRAL, 2001, p. 106-109; ASSIS, 2018, p. 186-188.

<sup>31</sup> KEHL, 2004, p. 93.

<sup>32</sup> ROCHA; GARCIA, 2008, p. 629.

<sup>33</sup> ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627-631; GURSKI; PEREIRA, 2016, p. 435-436; COSTA, 2004, p. 85-87.

<sup>34</sup> COUTINHO, 2005, p. 20.

Além disso, essa face adolescente reflete grupos, que, em sua maioria, pertencem à classe média dos centros urbanos.<sup>35</sup> Segundo Tomaz, o fenômeno da adolescência, como ideal, está direcionado para os *tweens*, meninos e meninas que possuem entre oito e quinze anos, ou seja, uma faixa que a autora denomina de pré-adolescência.<sup>36</sup> O mesmo também é um fenômeno estadunidense, que reflete a sua própria identidade em ser “modelo de todo um estilo de vida a ser consumido pelo restante do mundo -, tendência essa presente em anúncios, conversas e notícias”.<sup>37</sup>

### **Religião vivida: hermenêutica de rastreio do Sagrado**

A modernidade reconfigurou todas as relações, instituições, hierarquias e poderes na sociedade ocidental. Assim como impactou a percepção do crescimento/desenvolvimento humano, ela mudou a caracterização quanto ao que é ou não é religião ou sagrado e profano. Nela, o “indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos”.<sup>38</sup> Rompida e fragilizada a ordem “global” dentro de cada sociedade, o indivíduo se tornou o agente das decisões ético-morais que nortearão a sua vida. “Talvez o fator mais importante no surgimento de crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretense secularismo moderno, mas o moderno pluralismo”.<sup>39</sup>

A individualidade e a racionalidade destituíram as instituições religiosas de seu papel na manutenção da coesão social e da exclusividade em orientar à vida humana, colocando o indivíduo como a autoridade máxima para estas decisões. A religião, principalmente o cristianismo, no contexto ocidental, não perdeu toda a sua credibilidade e autoridade para impactar na vida cotidiana, contudo, deixou de estar no centro. Desta forma, ela passou a ocupar dimensões da vida humana a partir de fragmentos e não mais por meio de uma totalidade.<sup>40</sup>

Portella esclarece que, ao falar sobre religião na contemporaneidade, ele se refere aquilo “que fornece sentido e eficácia simbólica para as pessoas, para indivíduos em sus subjetividades”,<sup>41</sup>

---

<sup>35</sup> TOMAZ, 2014, p. 193-197.

<sup>36</sup> TOMAZ, 2014, p. 181-185.

<sup>37</sup> COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 4.

<sup>38</sup> BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 41.

<sup>39</sup> BERGER; LUCKMAN, 2012, p. 51.

<sup>40</sup> PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: urdindo as tramas de um debate. *Numem*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53, 2008. p. 34-37.

<sup>41</sup> PORTELLA, 2008, p. 37.

não se limitando às religiões institucionais. O que antes estava consolidado unicamente nas tradições religiosas, e que eram transmitidas de geração em geração, agora não detêm o controle sobre cada pessoa, mas é o indivíduo, ainda que influenciado pelas fontes tradicionais, o regulador da composição de suas experiências religiosas. As crenças não podem ser reduzidas aos parâmetros das instituições religiosas, mas se molda também por meio de outras “tradições” da sociedade. Portanto, a secularização não exterminou a religião, mas a reconfigurou e destituiu as instituições religiosas de sua supremacia na organização social e cultural.<sup>42</sup>

Assim, a premissa mais importante, que fundamenta a religião vivida, é esta percepção da amplitude do fenômeno religioso, o qual não se restringe aquilo que está consagrado como religião, religiosidade e espiritualidade dentro dos parâmetros institucionais, sejam eles cristãos ou não. Assim como em outras instâncias da vida, a modernidade estimulou a privatização da religião e, conseqüentemente, uma decisão de cada indivíduo. Duas conseqüências necessitam ser registradas: enquanto que a autoridade institucional foi diluída, foi possível a multiplicidade na escolha religiosa.<sup>43</sup>

Ao refletir sobre a organização e o papel da teologia prática, Ganzevoort percebe a multiplicidade dos caminhos que podem definir esta área teológica, especialmente frente às reconfigurações da teologia e de toda a posição da religião no Ocidente. A secularização e a desinstitucionalização são dois processos, apontados pelo autor, que fortalecem e promovem críticas às autoridades religiosas e, conseqüentemente, ao papel da própria teologia dentro deste cenário.<sup>44</sup> Estes fenômenos, junto à globalização, remodelaram “as crenças, atitudes e condutas religiosas perderam sua “verdade” evidente por si mesmas e se tornaram apenas uma alternativa entre muitas”.<sup>45</sup> O que a religião perdeu em muitos contextos, especialmente no europeu, é a incisiva autoridade que detinha sobre os ditames de sentido para toda a sociedade.<sup>46</sup> Ainda que ela não estructure toda a sociedade, o fenômeno religioso permanece significativo para a vida humana,

---

<sup>42</sup> PORTELLA, 2008, p. 37-41.

<sup>43</sup> ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019. p. 315-316.

<sup>44</sup> GANZEVOORT, Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do Sagrado: a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. p. 318-320.

<sup>45</sup> GANZEVOORT, Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 358-375, jul./dez. 2016. p. 361.

<sup>46</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 360-361.

mesmo através de outros movimentos e que podem estar para além dos círculos religiosos institucionais.<sup>47</sup>

No anseio em ampliar as discussões sobre religião, religiosidade e espiritualidade na formação de valores e de significado para a vida humana para dentro da teologia, a religião vivida foi constituída, em diálogo com outras áreas do saber, como a Sociologia, a Ciências da Religião, a Psicologia, a Filosofia e a Literatura, como um instrumento hermenêutico para “perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera dita “profana”, ou seja, fora da religião”.<sup>48</sup> Também ela põe em observação e discussão os caminhos que cada pessoa e grupo configuram, em seu cotidiano, os símbolos sacralizados por ela ou por algum grupo.<sup>49</sup> Na literatura, nos filmes do cinema e da televisão, nos blogs da internet descobrimos quais são os temores que dominam as pessoas, quais são suas esperanças, suas expectativas de vida, suas decepções, de onde extraem força, como lidam com crises”.<sup>50</sup>

A relação entre a religião vivida e a teologia prática se dá a partir da pergunta pela experiência religiosa fora da igreja e da interação entre ela e a religião instituída. Essa leitura concebe o religioso como aquele que possibilita o ser humano dar significado para a sua própria vida, sendo que isto acontece dentro e fora do âmbito eclesial, ou mesmo que não mantenha alguma relação religiosa institucional. O que é religioso pode assumir caracterizações muito distantes daquilo que determina as autoridades religiosas.<sup>51</sup> Na tentativa de ampliar os horizontes do tema, Ganzevoort observa a religião como aquela capaz de formar “padrões transcendentais de ação e sentido que surgem da relação com o que se considera sagrado e contribuem para essa relação”.<sup>52</sup> Para ele, o significado de que é transcendente pode ser esmiuçado nos processos “de transcendimento das fronteiras de nossa existência humana do que com algum Ser ou Espaço ou Realidade para além de nosso mundo da vida”.<sup>53</sup>

---

<sup>47</sup> ADAM, Júlio César. A Bíblia, o Livro de Eli e a religiosidade vivida: o mapeamento do religioso a partir da mídia e do cinema como tarefa teológica. In: REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo (Orgs.). *Perspectivas: interpretação e recepção de textos bíblicos*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 131-133.

<sup>48</sup> ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri Andréas; STRECK, Gisela I. W (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) Formação*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2013. p. 79.

<sup>49</sup> ADAM, 2013, p. 81-83.

<sup>50</sup> GRÄB, Wilhelm. Prédica como uma conversa com o ouvinte sobre a sua vida. *Tear Online: liturgia em revista*, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 116-126, 2017. p. 120.

<sup>51</sup> ADAM, 2019, p. 317-320.

<sup>52</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 360.

<sup>53</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 371.

Ao invés de estar restrita aos conceitos tradicionais, que a compreendem como um sistema de ritos e mitos em divindades, por meio das quais se gera e mantém a organização ética e moral de um grupo, amplia-se a compreensão sobre religião. No “contexto religioso desinstitucionalizado, secularizado e plural”<sup>54</sup> do Ocidente, a religião vivida se torna um instrumento salutar nos debates e reflexões teológicas por indicar que “a pergunta quintessencial não é se algo é ou não ‘éreligioso’, mas o que isto significa quando alguém define algo como religioso ou não”.<sup>55</sup>

### **Adolescência e o *ethos* religioso da modernidade**

Através da religião vivida, propõe-se conceber uma leitura da adolescência como expressão do *ethos* religioso da modernidade, como uma espécie de símbolo sagrado que habita o panteão secular contemporâneo. Junto às reflexões anteriores, discute-se, a partir das percepções do antropólogo estadunidense Clifford Geertz, de que maneira a adolescência se transformou em um símbolo religioso. Parte-se da constatação de Calligaris que, em torno da figura do e da adolescente, há certa devoção.<sup>56</sup> Uma devoção atrelada, principalmente, ao consumo. É uma configuração religiosa recente, que está para além das religiões institucionais, mas que é indispensável nas reflexões teológicas contemporâneas. Não se pretende reduzir a adolescência ao que está proposto aqui, mas indicar uma de suas muitas leituras.

Segundo Geertz, a cultura é

um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens [seres humanos] comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.<sup>57</sup>

Como fator de aglutinação e estruturação da cultura, os símbolos religiosos se consagram como sintetizadores do *ethos* cultural. Os símbolos religiosos estabelecem posições morais e estéticas que dão autoridade para toda a construção simbólica que as produziu. Trata-se da estruturação de uma ordem a uma determinada convivência no tempo e no espaço. Os símbolos

---

<sup>54</sup> Tradução nossa: “pluralized, secularized, and deinstitutionalized religious context”. GANZEVOORT, Ruard; ROELAND, Johan H. Lived religion: the praxis of practical theology. *International Journal of Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014. p. 5.

<sup>55</sup> Tradução nossa: “the quintessential question is not whether something is or is not ‘religious’, but what it means when someone defines something as religious or not”. GANZEVOORT; ROELAND, 2014, p. 6.

<sup>56</sup> CALLIGARIS, 2009, p. 9.

<sup>57</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 103.

religiosos configuram os padrões culturais, os quais, por sua vez, correspondem aos instrumentos utilizados pelo ser humano para moldarem e darem significado à sua existência.<sup>58</sup>

No vazio existencial moderno, onde não há um sistema universal de valores, de sentido e organização da sociedade, surgem outras “divindades” agora não mais vinculadas às religiões tradicionais, apesar destas continuaram existindo e também cumprindo com o propósito acima, mas dispersas dentro de toda a “teia” cultural. Como apresentado no primeiro tópico, a adolescência se tornou uma das construções da modernidade mais poderosas, na qual se conseguiu aglutinar os ideais modernos e permitir que possam ser experimentados sem qualquer compromisso e responsabilidade. Um símbolo que exprime as máximas modernas de ser feliz e consumir a todo momento.

Na modernidade, havia uma expectativa “escatológica” em um futuro glorioso, no qual a razão, a técnica e o método científico forjariam um mundo “perfeito” e de grandes avanços. Entretanto, no pós-guerra e, especialmente, após o fim do século XX, a expectativa “escatológica” se fragilizou. Apesar dos valores modernos, como a centralização do indivíduo, da autonomia e da liberdade, permanecerem, o presente se tornou normativo para a busca do prazer. De modo que possibilitou que a adolescência se tornasse a síntese deste processo.

A multiplicidade e o trânsito religioso são características da influência da secularização na religião. Assim, este movimento é semelhante aos trâmites do mercado. Ou seja, cada indivíduo seleciona os “produtos religiosos” de acordo com as suas necessidades, tal qual se faz em uma compra cotidiana.<sup>59</sup> Talvez sejam os e as adolescentes quem mais assume esta lógica e busque os produtos que respondem as suas investidas no processo de formação de uma identidade. Na medida em que a identidade infantil se foi, um intenso vácuo foi gerado, haja vista que a própria sociedade não dispõe mais, ou estão muito difusos, de ritos de passagem efetivos para uma identidade adulta (maturidade). Essa busca vai muito além daquilo que é oferecido pelas religiões institucionais, sendo possível que estas estejam entre as fontes que menos respondem a essa demanda em determinadas circunstâncias.

Nesta indefinição, o mercado oferece inúmeros produtos, não apenas objetos, mas também tendências e identidades. Afinal, para ser alguém com “valor” hoje é preciso dar “valor” ao consumo. Consequentemente, quanto mais descartável for, inclusive a própria imagem da pessoa sobre si, melhor para o consumo. A adolescência, assim, tornou-se exemplar para aglutinar os

---

<sup>58</sup> GEERTZ, 1989, p. 103-108.

<sup>59</sup> PORTELLA, 2008, p. 45-48.

desejos de liberdade e de consumo. Até mesmo para quem não possui recursos suficientes para usufruir destes ideais pode buscar por outros caminhos uma participação nesta cultura, por exemplo, por meio da violência.

Neste aspecto, destaca-se a importância da teologia e das instituições religiosas no questionamento desta lógica que facilmente leva os e as adolescentes para caminhos patológicos. Num ciclo onde tudo deve ser descartável, o mais rápido possível, para que as engrenagens do mercado sejam constantemente lubrificadas pelo consumo. Permanece um desafio teológico-profético em elucidar as possíveis consequências para sociedade na medida que segue esta lógica. Consequências que já são facilmente identificadas como, por exemplo, o aumento da desigualdade social, da miséria; dos altos índices de violência, especialmente, através das vidas de muitos jovens; do cansaço/exaustão/ansiedade manifestado por meio de várias doenças psicossomáticas, como a depressão; e a destruição de tantos ecossistemas, pela agressividade do capitalismo.

O símbolo também comporta uma exaustão do próprio ser adolescente. Kehl assinala que, tanto adolescentes da elite ou da periferia anseiam por identificações que, de certo modo, questionem os padrões consumistas, ainda que de modo inconsciente.<sup>60</sup> A exigência do consumo é exaustiva para aqueles e aquelas que anseiam reconfigurar a sua identidade, já que a identidade infantil foi perdida. Enquanto necessitam suportar a tensão do mercado, na medida em que eles se transformam em vitrines e produtos de consumo, as próprias pessoas adultas tendem a deixar de ser referências para eles e elas, uma vez que também querem voltar a ser adolescentes. Entre múltiplas e possíveis identidades ofertadas, a angústia e o medo por não saber qual será o caminho mais seguro, se é que pode algum ser seguro, tomam conta da vida dos e das adolescentes. Ela revela o esgotamento de toda uma sociedade em meio a tantas exigências de felicidade, consumo, descarte e prosperidade.

### **Considerações finais**

Na teologia cristã, é certo que quando a confiança e a vida do ser humano são colocadas sobre ele mesma, nasce a idolatria. Nesta perspectiva, pode-se dizer que o símbolo “adolescência” é uma das formações idólatras mais problemáticas atualmente. É idólatra também porque prejudica o próprio ser humano, especialmente os e as adolescentes. Ademais, a idolatria está ao refletir uma sociedade que consome tudo, mas não percebe que está engolindo a si mesma. No excesso, na

---

<sup>60</sup> KEHL, 2004, p. 101-105.

velocidade, no consumo frenético, no insistente *marketing* e na felicidade a qualquer custo, o desgaste vem em proporções semelhantes ou maiores. É importante que as discussões, sobre como lidar com esta tensão na teologia e na vida das comunidades cristãs, sejam pautadas nas igrejas ou instituições eclesiais. Não se trata de algo alheio, mas de questões que espreitam continuamente e incidem no trabalho com adolescentes e jovens.

Além disso, uma das propostas da religião vivida é discutir as relações e os impactos que os movimentos religiosos seculares incidem na dinâmica e nas reflexões das instituições religiosas. Afinal, estas se tornaram uma das múltiplas possibilidades na construção de identidades e no uso do capital simbólico de cada cultura. Portanto, refletir os impactos da adolescência, como símbolo religioso, na vida comunitária cristã, é um dos desafios propostos para a teologia. É comum ouvir, das lideranças comunitárias, reclamações sobre a ausência de pessoas adolescentes e jovens nos círculos comunitários, ou mesmo, indicando as suas voláteis participações. A partir das reflexões propostas aqui, indica-se que as dificuldades, no relacionamento com estes grupos, são mais amplas, pois, são relativas até mesmo com os próprios desejos adultos ao pretenderem permanecer “jovens” e tentarem usufruir de uma adolescência que o mercado insiste em vender sob variadas formas e produtos.

## Referências

ADAM, Júlio César. A Bíblia, o Livro de Eli e a religiosidade vivida: o mapeamento do religioso a partir da mídia e do cinema como tarefa teológica. *In: REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo (Orgs.). Perspectivas: interpretação e recepção de textos bíblicos.* São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 129-141.

ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019.

ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. *In: BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri Andréas; STRECK, Gisela I. W (Orgs.). Ensino Religioso e Docência e(m) Formação.* São Leopoldo: Sinodal; EST, 2013.

ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. Figurações da adolescência e juventude na atualidade: metáforas da cultura. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 183-206, jan./jun. 2018.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.* Petrópolis: Vozes, 2012.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência.* 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional*, São Paulo, n. 181, p. 16-23, mar. 2005.

GANZEVOORT, Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do Sagrado: a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009.

GANZEVOORT, Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 358-375, jul./dez. 2016.

GANZEVOORT, Ruard; ROELAND, Johan H. Lived religion: the praxis of practical theology. *International Journal of Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 101-142.

GRÄB, Wilhelm. Prédica como uma conversa com o ouvinte sobre a sua vida. *Tear Online: liturgia em revista*, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 116-126, 2017.

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LÍRIO, Luciano de Carvalho. Adolescência na contemporaneidade. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 29, set./dez. 2012.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 616-625, dez. 2008.

OUTEIRAL, José. Adultos modernos e adolescentes pós-modernos. In: WEINBERG, Cybelle. *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001. p. 97-114.

PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: urdindo as tramas de um debate. *Numen*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53, 2008.

ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 622-631, 2008.

TOMAZ, Renata. A invenção dos *tweens*: juventude, cultura e mídia. *Intercom*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 177-202, jul./dez. 2014.